

26-06-2023

*Estimado Neguim (em memória)***Alisson Azevedo**

[Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás]

Neguim, pra começo de conversa, está liberado meu genuíno perdão a você por aquele negócio das esfihas. Na época fiquei 'p' da vida (a gente não falava palavrão), porque nas minhas contas eu dava a você pelo menos um terço do meu sortimento, descontado inclusive das remessas de meio de semana. E mesmo depois das baixas no estoque - como você abusava da minha indigência matemática! - eu ainda era pródigo na partilha das sobras, desprezando evidentes indícios. Reconheço que, mais tarde, vim a cobrar pública e incisivamente essa fatura, lançando você à roda dos escarneceadores. Mas agora o perdoo. Meu agnosticismo jamais pôde superar aquele antigo pavor do contato com o além, tão experimentado e desafiado por nós naquelas horripilantes noites do internato. E eu não quero complicações noturnas a essa altura. Falando em complicações, Neguim, como é que você se meteu nisso? Justo você, que era o nosso Pedro Malasartes, mestre da boa e velha malandragem, nosso ponto de contato com o mundo dos meninos livres! "E também dos meninos pobres", minha mãe dizia, à maneira dela. Ela gostava muito de você, mas não me deixava passar o fim de semana na sua casa porque era "muito longe". Só bem mais tarde eu compreenderia esse eufemismo classe-média. Mesmo assim, Neguim, você era minha maior influência. Do skate ao futebol, você tentou de tudo pra me tirar de uma inércia que me imobilizaria vida afora para qualquer esforço físico. (E ainda nem se falava em esporte paraolímpico!) Mas você, Neguim, influenciava muito mais pelo que dizia fazer do que pelo que realmente fazia. Não esqueço aquela segunda-feira - seu dia de glosar heroicos feitos - em que você disse que tinha ido de Aparecida a Anápolis na rabeira de um ônibus. E mais: que nós, meninos mofinos, podíamos dar nossos bordejões por aí pendurados na traseira de um ônibus ou caminhão qualquer... Ah, Neguim, será que você soube naquela hora o quanto eu desejei ir a São Paulo ou a Belém sob a intempérie e o risco, apenas para voltar e te contar minha façanha? Minha desdita foi manifestar em casa essa vontade... Mas como foi que você se meteu nisso, Neguim? Na adolescência você me deu um esbregue por causa de uma bebedeira. Falou do seu pai, dócil quando sóbrio, violento quando bêbado. Ele era caminhoneiro, Neguim. E viajava muito, e quando voltava bebia muito também, e batia na sua mãe, batia em você, batia no seu irmão mais velho. Você não gostava de contar essas desvantagens, Neguim. Mas naquele dia da minha bebedeira, quer dizer, no outro dia, você me falou do seu irmão, que não acertava a vida e o casamento, tudo por causa da bebida. E falou de você, que nunca tinha colocado álcool na boca. Nem álcool nem cigarro, de nenhum tipo. Quando seria sua queda, Neguim? Quando cheguei no internato você cuidou de mim, Neguim. Você e o Dadá, meus dois novos amigos pretos - e pobres. Eu não sabia que tinha gente tão pobre, Neguim. Quer dizer, os pretos lá da minha cidade também eram muito pobres, mas lá eles pescavam no rio, e tinham muitos parentes, e outros amigos pretos.

Eles moravam do lado de casa, e o Zuza era meu melhor amigo, o branco filho dos pretos, que eles não gostavam que falasse adotivo. Mas você morava longe, Neguim. Minha mãe dizia que Aparecida era muito longe. Pelo menos você tinha casa, Neguim. O Dadá não tinha: nem casa, nem pai, nem mãe nem parente nenhum. Ele foi achado na manilha, você me contou. Eu não sabia o que era uma manilha... Você me achava um cego muito pato, Neguim. Você disse pra minha mãe que ela precisava me ensinar muita coisa. A vestir camiseta achando a etiqueta, pra frente não ficar pras costas. A não esquecer a mochila na sala. A me livrar dos grandes da escola que gostavam de bater nos pequenos. Você me ensinou essas coisas, Neguim. Anos mais tarde eu não acreditei quando soube que você estava na pedra, Neguim. Na pedra? E depois dos trinta? Você lembrava de mim, Neguim: que você tinha me ajudado muito lá no internato, que eu tinha feito faculdade, e você não, que eu trabalhava na Justiça, e você, na câmara escura. Tudo conversa, Neguim? Tudo verdade. Estive no seu velório, Neguim: sua mãe me falou do seu sofrimento, das dores da sua agonia, do seu delírio. Sua mulher, Neguim, seus filhos pequenos, um no braço, outro correndo. Saí do internato e você ficou, Neguim. Nos reencontramos depois, no início da adolescência, ali pela sétima série. Você era bom em matemática e gostava da Ana Magda, a mais burguesinha da sala, Neguim. Fora do internato, eu precisava te ensinar algumas coisas... E o Dadá, por onde andava, Neguim? Morava na rua, fazia ponto num restaurante de bacana pedindo comida e dinheiro? Xuxa preta, Neguim? A gente nunca o chamava assim. Eram os grandes da escola, mais o seu Zico motorista. No começo eu até participava dos shows da Xuxa que o Dadá fazia no recreio: ele subia numa bateria velha de carro e dizia que era o palco, e cantava, e dançava, e batia palma: "Iarilarilarilariê..." E a gente junto, paquitas e paquitos dele. Depois proibiram a brincadeira, disseram que ninguém mais fosse. O Dadá ficou tristíssimo, revoltadíssimo. Xingou e praguejou, porque ele era assim. Muito corajoso, o Dadá. Nas férias ele ia pro orfanato, e era uma luta pra entrar na Kombi. Ele dizia que esperavam a gente ir pra casa primeiro, porque ele se debatia pra não entrar na Kombi, e o seu Zico judiava dele. Uma vez eu pedi à minha mãe pra levar o Dadá nas férias, mas ela disse que nós dois era muito trabalho: só um fim de semana ou outro. O Dadá lá em casa era uma festa, todo mundo gostava dele. Mas pra sair quando ele ia não dava certo não. Uma vez meus pais e minha irmã foram pra uma festa e deixaram nós dois com a minha prima. Eu chorei, dei birra pra ir, mas minha mãe disse que o Dadá era a minha visita e eu tinha que ficar com ele. E você, Neguim, levava o Dadá pra sua casa? Não sei, não lembro. Só lembro que ele cantava em todo dia das mães: "Oh, mãe, por que me abandonaste"? Música triste, nossas mães choravam... Eu pensava que o Dadá tinha muita falta de mãe, por isso não gostava de tomar banho nem de escovar os dentes, e quando fazia era mal feito: não teve mãe nem ninguém pra ficar "Dadá, toma banho!", "Dadá, escova os dentes!", "Dadá, lava essa cabeça direito". Na escola tinha a assistente social, a zeladora e até a diretora, mas era outra conversa, outra falta de carinho. E seu pai, Neguim? Ele nunca ia na escola, só sua mãe: lembro que ela acordava muito cedo, e trabalhava muito, você falava.

Seu pai viajando, você tinha orgulho. Mas em casa, batia em todo mundo. Você tinha ganas, Neguim? De bater nele? Não me lembro dele no seu velório: sua mãe estava lá, triste e firme. O futebol, Neguim? No internato não tinha bola adaptada, com guizo, e você pegava uma bola qualquer e colocava numa sacola plástica, pra fazer barulho. E ensinava pra gente as posições: eu, gordinho e perna de pau, sempre na barreira. Quem enxergava um pouco ficava no gol. Mais tarde encontrei você muitas vezes no futebol da Associação. No clube, uma cerveja depois do treino: você pagava uma, cerrava duas e logo ia embora, com a mulher e os meninos. Como foi, Neguim, que você caiu na pedra? Quem morreu primeiro, Neguim, você ou o Dadá? Você, pelo menos, teve velório: ele, só a notícia atrasada. Facada, disseram: o Dadá era muito corajoso. Ali pelos quatorze anos ele foi flagrado no ato com um colega. Depois eu toquei no assunto e ele me disse que era homossexual. Ninguém dizia isso naquela época, naquela escola: o Dadá era muito corajoso. Você gostava de estudar, Neguim? Era muito bom em matemática, me ensinava os exercícios de efetue que eu detestava. Você começou a trabalhar muito cedo, Neguim?

Sua mãe disse no velório: “ele era muito trabalhador”. O Dadá não estudou nada, mas era muito sagaz: ninguém enganava o Dadá. Um dia ele foi votar em mim na Associação e tinha boca de urna: os adversários fizeram de tudo pra dobrar o Dadá. Ele entrou impávido na sala de votação, dizendo que já tinha candidato. Nas conferências conjuntas de direitos humanos de 2016 eu falei muito de vocês dois, Neguim: transversalidade, interseccionalidade... Uma boa síntese disso tudo eram meus dois amigos de infância: cegos, pretos, pobres, e o Dadá, gay e órfão: mortos os dois. Quem morreu primeiro, Neguim? Não me lembro mais. Escrevo para não esquecer - para que ninguém esqueça. Para vocês, as políticas públicas, as ações afirmativas, não chegaram a tempo: a morte chegou primeiro. Mas na universidade, Neguim, quer dizer, numa parte da universidade, estão falando e escrevendo sobre vocês: os pretos pobres, como você. as bichas pretas, como o Dadá. Os cegos, como nós três. Vocês entraram na história com o corpo, Neguim. A violência das palavras e dos atos, no internato e no mundo, marcou os corpos de vocês. É preciso transformar essas marcas em palavras de resistência, Neguim. Por isso eu escrevo - e vou continuar escrevendo - sobre vocês, e para vocês. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.